

# Propostas pedagógicas

O N.º 3 da revista Outras Economias foca-se na perpetuação das lógicas coloniais através da economia, extrativismo, condicionalidades de aberturas de mercados contra ajudas, trocas desiguais., noutras palavras, neocolonialismo.

Nesta proposta decidimos dar um destaque à questão da moeda e das suas funções, inspirados pelo texto dedicado ao [Franco CFA](#). A partir do texto “O que é a moeda”, junto a esta proposta, sugerimos uma imersão experiencial no seu funcionamento, associada a uma reflexão crítica sobre os princípios e valores com os quais se relaciona.

A seguir propomos uma outra atividade que permitirá explorar a realidade das produções de base colonial, café, cacau e algodão, sob várias facetas.

Não se esqueça, há propostas pedagógicas também nos n.º 1 e 2, que pode descobrir!

## Troca direta, troca indireta

**Objetivos:** Perceber as funções da moeda. Refletir sobre a justiça económica.

**Duração:** 2 x 50 minutos – A 3ª fase pode durar até 8 semanas

**Material:** Folhas de papel, pedrinhas ou berlindes, canetas, aguarelas, tesouras, cópias ou projeção do texto “O que é a moeda?”

**Idade:** a partir dos 10 anos

### Instruções:

*A partir do texto “O que é a moeda” disponível a seguir.*

*O/a educador/a – professor/a deverá ler o texto com antecedência.*

#### 1ª fase: Troca direta

- 1- Pedir aos membros do grupo para escreverem numa folha de papel algo, bem ou serviço que podem oferecer (oferta). Em cada folha, cada um/a indica o seu nome.
- 2- Num grupo de mesas reunidas no meio da sala, juntar toda a oferta disponível no nosso mercado/aula e iniciar as trocas.
- 3- Verificar com o grupo o número de correspondências e de trocas realizadas, objeto por objeto.
- 4- Lançar uma reflexão à volta das vantagens e inconvenientes da troca direta. Frisar a problemática da necessidade de dupla coincidência dos desejos para este sistema funcionar.

#### 2ª fase: Unidades de conta

- 1- Manter a feira nas mesas, com os papéis de oferta e os nomes.

2- Distribuir a cada participante 10 unidades de conta (berlindes, pedrinhas...), explicando que será a moeda em uso na sala.

3- Pedir a cada participante que estabeleça um valor entre 1 e 10 para o seu produto ou o seu serviço, e que o escreva num post-it ao lado do seu papel.

4- Opcional – em função do tempo disponível – pedir a todos e todas que circulem para ver os valores estabelecidos e, quando acharem um produto demasiado caro ou demasiado barato, coloquem um post-it com um valor alternativo. Esta etapa permite estabelecer um debate sobre o valor das coisas. O que motivou o valor inicial? Quais os motivos para contra-propostas. Utilizar os exemplos onde há mais post-it com propostas alternativas. Os e as vendedores/as questionados estão disponíveis para rever o seu preço em função da opinião do grupo?

5- Abrir a feira, desta vez com recurso à moeda criada.

6- No final da feira, verificar com o grupo o número de trocas realizadas. Lançar uma reflexão sobre as vantagens e inconvenientes da utilização da moeda. Nesta fase pode-se introduzir:

- a noção de troca indireta (vendo a uma pessoa o meu produto ou serviço, e compro a outra o que preciso, sem a necessidade da dupla coincidência dos desejos).

- As funções da moeda: unidade de conta (dar um valor, contar com uma base comum...), facilitar as trocas, reserva de valor (que pode ser ilustrada com o exemplo seguinte: se guardar os meus berlindes/pedrinhas, poderei comprar algo na feira mais tarde).

- Pode alargar-se o debate apresentando vários cenários: O que acontece se um/a participante só vender e ficar com todas as unidades de conta disponíveis? O que acontece se um/a participante comprar tudo? Quem decide o valor da moeda? Este questionamento permite abordar a função inicial e fundamental da moeda, a de facilitação das trocas que implica a sua permanente circulação, em oposição a acumulação, a especulação...

No final, pode distribuir-se ou projetar o texto “O que é a moeda?”

A partir dos 15 anos, poder-se-à também dar a ler o texto [“O franco CFA: legado colonial com repercussões atuais”](#).

### **3ª fase – A nossa feira de trocas!**

Esta fase só se justifica se houver interesse manifestado pelo grupo nas fases iniciais. Consiste na realização concreta de uma feira de troca na escola e implica um trabalho por projeto.

1- Quais são as regras da nossa feira de trocas?

Como vai funcionar a feira de troca? Regras claras e simples são a chave para uma feira bem sucedida! As perguntas a seguir podem ajudar:

- A nossa feira é semanal? Mensal? Trimestral? Só acontecerá uma vez?

- É aberta a todos e todas? Só alunos e alunas? Professores/as? Pessoal auxiliar e administrativo? Encarregados/as de educação?

- Em que local decorrerá?

- Que tipo de bens podem ser trocados? Tudo? Só roupas? Só jogos e brinquedos? Livros? Podem ser serviços (uma aula de guitarra, de dança)?
  - Como será fixado o valor/preço? É livre? Haverá uma comissão para fazer uma avaliação conjunta?
  - Quem vende pode trazer vários produtos, ou só um?
  - Como funciona no início? Cada participante recebe um valor igual no início, na moeda criada? Entrega um produto à organização que lhe paga na moeda criada? Outras soluções?
- O/a animadora ou professor/a pode também associar princípios e valores às regras: é uma feira inclusiva? Promove a solidariedade? O que importa é a cooperação entre todos e todas os/as participantes? Responde a necessidades reais dos participantes? Privilegia as relações humanas? Defende o meio ambiente através da prolongação do ciclo de vida dos produtos?

## 2- A nossa moeda

Para trabalhar na base de trocas indiretas, sem ter recurso a euros, vamos criar a nossa moeda enquanto ferramenta/meio que facilita as trocas:

- Que nome para a nossa moeda? Tentar justificar o porquê do nome.
- Que ilustrações, textos? Porquê?
- Quais os valores nas notas? O que será mais prático? Notas altas? Pequenas para dar trocos? Um pouco de tudo? Esta fase permite introduzir a noção de valor nominal da moeda.
- Quantas notas no total?

## 3- Promover a feira de trocas

Pensar como informar a comunidade escolar sobre o evento, a data, o local, as regras de funcionamento.

## 4- Organizar-se bem!

Quem faz o quê antes da Feira? Quem faz o quê durante?

Esta proposta pedagógica presta-se bem a uma ação transdisciplinar, desde a economia à história, da matemática às artes visuais, da geografia à Cidadania e Desenvolvimento.

# O que é a moeda?

A moeda é um meio de pagamento que substituiu a **troca direta**. Veio agilizar os atos de troca de bens, que no sistema de troca direta podiam ser complicados. Com efeito, para trocar uma peça de tecido contra laranjas, era preciso encontrar alguém que quisesse tecido e tivesse laranjas, nem sempre fácil... É o que se costuma chamar *a dupla coincidência dos desejos*. Com a moeda, passa-se a, num primeiro tempo, vender a peça de tecido, e noutro, a comprar laranjas.

É difícil estimar o período em que surgiu a moeda, mas encontram-se formas muito antigas que os historiadores ou antropólogos chamam de **protomoedas** ou **paleomoedas**. Estas moedas podiam ser de terracota, conchas, grãos de cereais ou favas de cacau. Até o sal foi uma moeda, a palavra salário vem daí!

É no século VII A.C., na Ásia Menor (atualmente a Turquia, a Arménia e o Curdistão) que aparecem as primeiras **moedas metálicas**. O metal presta-se bem para ser uma moeda por ser durável, homogéneo (todas as moedas são idênticas) e maleável, podendo ser gravado.

As moedas eram maioritariamente feitas de metais preciosos, ouro ou prata, isto significa que o seu valor era equivalente ao seu peso em metal precioso, uma moeda de 10 gramas de ouro tinha o valor de 10 gramas de ouro. Chama-se ter um **valor intrínseco**.

Hoje em dia, usamos moedas de metal pouco valioso e notas de papel. Uma nota de 10 euros não vale 10 euros em material, já não há correspondência entre o valor intrínseco e o valor escrito na nota ou na moeda, chamado **valor nominal**. Entre o século XIX e a primeira guerra mundial, vigorou o sistema de “**padrão-ouro**” em que havia uma correspondência entre as reservas de ouro dos bancos e o número de notas e moedas em circulação. Isto é, qualquer pessoa podia trocar as suas notas (valor nominal) no seu equivalente em ouro. Abandonado este sistema, o valor das notas e moedas é garantido pelos Estados e os bancos centrais, costuma-se falar então de **moeda fiduciária**, de *fiducia* que significa confiança em Latim. Esta confiança é transmitida, por exemplo, pelo facto de a moeda ter uma cotação legal, ser obrigatoriamente aceite pelos atores económicos e manter o seu valor, isto é, posso aceitar um pagamento com uma nota de 50 euros, pois posso adquirir bens pelo mesmo valor a seguir com esta nota. No entanto, a moeda pode ser submetida a **inflação**: um aumento generalizado dos preços de bens e serviços faz que com o mesmo valor de moeda, não posso adquirir tanto como dantes.

Além da moeda fiduciária que usamos correntemente, existe também a **moeda escritural**. Basicamente, é o dinheiro que temos no banco. Na nossa conta, não temos notas e moedas, mas sim registos, dinheiro que recebemos (receitas) e dinheiro que usamos para pagar (despesas). Assume a mesma função que a moeda fiduciária, mas sem recurso a notas de papel ou moedas metálicas. O nosso cartão de débito é uma das expressões da moeda escritural, tal como as transferências, os cheques ou os débitos diretos.

Mas o que são exatamente as funções da moeda?

As 3 funções da moeda são contar, pagar e fazer reservas.

Contar – a moeda é uma **unidade de conta**, uma unidade de referência (como o Kg, ou as horas) que permite medir o valor de bens e serviços.

Pagar – disso já falamos no início, o dinheiro é um **meio de troca** que permite adquirir bens ou serviços contra dinheiro, ou que é recebido em troca de um bem ou de um serviço. Permite trocas indiretas.

Fazer reservas - a moeda é também uma **reserva de valor**. Se tiver 100 kg de peixe, não os posso guardar muito tempo para vender, pois vão apodrecer. Mas pode-se guardar dinheiro para uso posterior, permitindo deste modo o acesso a poder de compra no tempo.

A produção das notas e das moedas é privilégio dos bancos centrais, geralmente instituições públicas, que têm a responsabilidade da gestão da política monetária de um país ou de uma união monetária (conjunto de países que tem o mesmo sistema monetário). É o Banco dos bancos...

# Cacau, café, algodão...

**Objetivos:** Sensibilizar para as problemáticas ligadas a produtos de grande consumo. Estabelecer interações entre colonialismo e neocolonialismo, escravatura histórica e escravatura moderna.

**Duração:** 2 x 50 minutos + 1 ou 2 semanas para pesquisas entre sessões

**Material:** projetor

**Idade:** a partir de 15 anos

## Instruções:

1- Para dar início a esta atividade, pede-se aos/as participantes que leiam a banda desenhada [“Chocolate amargo”](#).

2- Na sequência da leitura da BD, lançar uma discussão a partir dos argumentos usados nos quadrinhos 2, 3, 4 e 5.

- Já tinham ouvido falar destes problemas na produção do cacau?
- Concordam com o que a mãe diz? Acham que acontece mesmo?
- Pensam que este tipo de abusos acontecem noutros tipos de produção? Quais por exemplo?

Para ter mais dados, poderá utilizar o cartaz dedicado ao cacau da exposição “Sabia que?” disponível [aqui](#).

3- Constituir dois grupos e propor a cada um a realização de uma pequena investigação centrada sobre 1 produto específico: Grupo 1 – Café, Grupo 2 – Algodão

Perguntas orientadoras:

- Originalmente, de onde provém este produto?
- Qual é o primeiro produtor mundial?
- Há uma relação entre a produção deste produto e a colonização?
- Qual a relação entre este produto e a escravatura?
- Portugal tinha colónias onde se produzia este produto? Tinha-se recurso a escravatura?
- Quais são, atualmente, os principais problemas de quem trabalha na produção deste produto?
- Quem são as principais empresas do sector?
- Podemos fazer relações entre o tempo colonial e a atualidade?
- Existem alternativas mais justas?

4- Organizar uma sessão em que cada grupo partilha o resultado das suas pesquisas com o outro. No fim, pode se abrir um debate a partir dos pontos comuns entre os dois produtos.